CONTRIBUIÇÕES DE FLORESTAN FERNANDES AO ESTUDO DAS CULTURAS INFANTIS

Deise Arenhart¹³

RESUMO

Esse texto tem a intenção de estabelecer um diálogo com um dos mais importantes intelectuais brasileiros que, dentre tantos temas que compõe sua produção acadêmica, se localiza também o interesse pelo folclore e a cultura infantil: Florestan Fernandes. O mesmo está estruturado de modo que, num primeiro momento, apresento sucintamente no que se constituiu o estudo das "Trocinhas do Bom Retiro", localizando a repercussão deste trabalho frente aos embates teóricos e metodológicos que constituíram o campo sociológico na época de sua produção. Seguidamente, busco elencar algumas contribuições que considero cruciais para o estudo da infância e das culturas infantis na contemporaneidade, relacionadas à eleição das crianças como sujeitos da pesquisa, ao olhar sociológico sobre as interações infantis e a relação das crianças com a cultura. Por fim, indico alguns pontos de relação - tanto no sentido de aproximação como de distanciamento - entre as questões trazidas por Florestan no estudo das "Trocinhas" e os indicativos das pesquisas atuais referentes as culturas infantis relacionadas ao campo da Sociologia da Infância.

Palavras-chaves: Florestan Fernandes, culturas infantis, sociologia da infância.

ABSTRACT

This text is intended to establish a dialogue with one of the leading brazilian intellectuals that, among many issues that make their academic output, is located also the interest in folklore and children's culture: Florestan Fernandes. The same is structured so that, at first, presenting succinctly as was the study of "Trocinhas do Bom Retiro", finding the implications of their work in front of the onslaught of theoretical and methodological approaches to the field of sociology at the time of its production. Then, I try to list some contributions that I consider crucial to the study of childhood and children's cultures in contemporary society, relating to the election of children as research subjects, the sociological gaze on children's interactions and the relationship of children with culture. Finally, I indicate some points of the relationship - both in terms of approach as the gap - between the questions raised by the study of Florestan "Trocinha do Bom Retiro" and indicative of current research concerning the children's cultures related to the field of sociology of childhood.

Key words: Florestan Fernandes, children's cultures, sociology of childhood.

¹³ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF.

1. Introdução

Em minhas incursões nos estudos sobre infância e educação, tem se sobressaído uma grande inquietude em compreender mais a fundo a relação das crianças com a cultura, especificamente, a compreensão do que fundamenta a existência de um sistema cultural próprio, denominado por culturas infantis.

Nesse sentido, esse texto tem a intenção de estabelecer um diálogo com um dos mais importantes intelectuais brasileiros que, dentre tantos temas que compõe sua produção intelectual, se localiza também o interesse pelo folclore e a cultura infantil: Florestan Fernandes.

Florestan desenvolve esse tema no início de sua carreira acadêmica, nos anos 40, quando então aluno da faculdade de Ciências, Filosofia e Letras da USP. Sendo parte de um trabalho encomendado pelo professor Roger Bastide, as "Trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis" se constitui, segundo avaliação do próprio Florestan, como o mais importante trabalho que realizara sobre o folclore e um marco na sua preparação como sociólogo e pesquisador. Tem sua atualidade ainda hoje, sendo bastante difundido entre os estudiosos do folclore, da cultura, do jogo e da infância. Entre os estudiosos da infância, esse trabalho é reconhecidamente uma referência na produção científica brasileira, pelo ineditismo da abordagem das culturas infantis e por tomar as crianças como principais sujeitos da pesquisa.

O presente texto será desenvolvido de modo que, numa primeira parte, apresento sucintamente no que se constitui o estudo das "Trocinhas do Bom Retiro"; abarcando questões teóricas e metodológicas centrais que lhe conferiram originalidade e grande relevância, como a escolha entre relacionar, no mesmo estudo, uma abordagem folclórica e, ao mesmo tempo, sociológica, bem como elege a observação minuciosa das próprias crianças em suas interações nos grupos infantis. Seguidamente, busco elencar algumas contribuições que, no meu ponto de

vista, são cruciais e muito atualizadas em relação, especialmente, aos estudos da infância e das culturas infantis. Por fim, indico alguns pontos de relação - tanto no sentido de aproximação como de distanciamento - entre as questões trazidas por Florestan no estudo das "Trocinhas" e os indicativos das pesquisas atuais referentes as culturas infantis relacionadas ao campo da Sociologia da Infância.

"As Trocinhas do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis"

Como já foi apontado anteriormente, as "Trocinhas do Bom Retiro" se refere a um trabalho monográfico articulado ao estudo do folclore em São Paulo, tema de interesse do professor Roger Bastide. Tendo Florestan iniciado esse trabalho no início de 1940, o mesmo foi escrito e apresentado, em 1944, ao concurso "Temas Brasileiros" instituído pelo Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, tendo conquistado o prêmio relativo à seção de Ciências Sociais.

O referido estudo consistiu em uma etnografia realizada junto à crianças residentes em bairros operários da cidade de São Paulo em suas brincadeiras de rua, denominadas, segundo o autor, pelas próprias crianças de "trocinhas"¹⁴. "Trocinhas", pois, se referiam a organizações de grupos de crianças, geralmente reunidas pela condição de vizinhança, que se encontravam na rua para brincar¹⁵. Assim, no estudo junto a esses grupos infantis, em suas "trocinhas", Florestan observa tanto as relações das crianças entre elas, como se organizam, constroem regras e práticas de sociabilidades, como também analisa a forma como estas se apropriam dos conteúdos embutidos nas brincadeiras pertencentes ao folclore infantil da época.

¹⁴ Farei uso do termo "trocinhas" sempre com aspas, para seguir a mesma forma empregada no texto por Florestan.

¹⁵ Nota-se que na década de 40, ao contrário dos tempos atuais, a rua se constituía num espaço público, de encontro e próprio para as crianças brincarem. Florestan realizou a observação de "trocinhas" que se desenvolviam em vários bairros operários paulistanos: Bom Retiro, Lapa, Bela Vista, Brás e Pinheiros, mas, segundo ele, devido à aproximação de amizade com algumas crianças, o material da "trocinha do Bom Retiro" se tornou mais completo.

Seu trabalho está organizado em duas partes: a primeira em que aborda a pesquisa sobre os grupos infantis e a cultura infantil construída nas "trocinhas" (abordagem mais sociológica) e uma segunda parte em que o autor apresenta uma longa pesquisa sobre o folclore infantil da época, descrevendo os folguedos conforme os tipos e analisando seus conteúdos ideológicos e socializadores (de natureza mais folclórica). Aqui, abro um parêntesis para esclarecer que, devido ao meu interesse em estudar a cultura infantil produzida na relação entre as crianças e, considerando que meu arcabouço teórico tem, fundamentalmente, uma matriz sociológica, tive maior interesse na primeira parte do trabalho de Florestan, relativo aos grupos infantis em relação com a cultura. Será portanto, pautada nesse primeira parte do texto de Florestan, que discorrerei esse texto.

Voltando ao texto de Florestan, a dupla abordagem (sociológica e folclórica) que atribui ao trabalho das "trocinhas" foi muito contestada por alguns críticos da própria USP, principalmente pelos folcloristas, os quais defendiam que o folclore era uma ciência, a qual caberia somente a eles (os folcloristas) o papel de desenvolver o seu estudo e análise. Florestan tinha marcada oposição a esta postura, defendendo que o folclore deveria ser visto como um conteúdo a ser estudado pelas várias áreas das ciências humanas, por ser revelador da cultura brasileira e ter um caráter essencialmente humanista¹⁶.

Bastide, em prefácio ao capítulo das "Trocinhas", cumprimenta o autor - então, seu orientando - por ter realizado essa dupla abordagem e, assim, ter dado

¹⁶ É importante localizar o período em que o autor realiza a aproximação com o estudo do folclore. Esse se refere ao período em que a USP, ou melhor, parte dela, vivia um movimento de se contrapor ao nacionalismo e se engajar numa perspectiva crítica da ciência, buscando consolidar uma nova consciência social no Brasil. Assim é que Florestan constrói sua carreira realizando, como talvez nenhum outro sociólogo no Brasil, uma articulação séria e rigorosa entre produção científica ancorada nos reais problemas empíricos da sociedade brasileira e, assim, rigorosamente construída - teórica e metodologicamente - com a militância política.

uma importante contribuição tanto aos estudos do folclore como da sociologia. Complementa Florestan no que ele afirma que o estudo folclórico lhe forneceu subsídios para o estudo sociológico, alegando Bastide que (..) "a recíproca também é verdadeira: é o estudo sociológico, que esclarece o folclore" (Bastide apud Fernandes, 1979, p. 154).

Florestan, então, em nota explicativa que abre o capítulo das "trocinhas", relata como passou do estudo do folclore para o estudo dos grupos infantis. Alegando que essa dupla abordagem não estava definida a priori, ou seja, antes da pesquisa de campo, esclarece que foi o campo que revelou ser necessário ir além do estudo exclusivo do folclore, pois era preciso entender esse na relação com os sujeitos que se correspondem com ele.

(...) o conhecimento puro e simples do mecanismo de desenvolvimento interno dos fatos folclóricos, do ponto de vista exclusivo do folclore, revelou-se incompleto, e assim a análise dos conteúdos culturais implicou, naturalmente, no estudo das formas sociais correspondentes. Enquanto o primeiro "approach" era exclusivamente folclórico, o segundo deveria ser predominantemente sociológico. (Fernandes, 1979, p. 157).

O que gerou, pois, a necessidade de uma abordagem sociológica ao estudo do folclore, tanto para Florestan como para Bastide, foi a clareza de que não seria possível falar de folclore sem considerar as relações sociais dos sujeitos que, por ele, se relacionam e se socializam, no caso, as crianças. Bastide, ao fundamentar a concepção de folclore que alicerçou o trabalho de Florestan, assim define:

O folclore é uma cultura; ora, não se pode compreender a cultura, separando-a do grupo social que ela exprime. Estamos entre os que acham que a descrição pura e simples do material, a pesquisa das fontes e das origens não são suficientes, porque o folclore tem uma função e uma vida, ele representa um papel. (...) O folclore não é uma simples curiosidade ou um trabalho de erudição, é uma ciência do homem - não deve portanto esquecer o homem, ou melhor, neste caso, a criança que brinca (Bastide apud Fernandes, ídem, p. 154).

Foi ancorado no reconhecimento da dimensão sociológica intrínseca no folclore, que Florestan também optou em abordar o termo de cultura infantil ao invés de folclore infantil. Ainda que tenha feito um trabalho sociológico tendo como base de análise o folclore infantil vivenciado por meio das "trocinhas", esclarece que o uso do termo "folclore" não daria conta de abranger todas as manifestações observáveis nos grupos infantis em ação, uma vez que esse se reportaria a análise restrita de seus folguedos, não incluindo, assim, a análise dos grupos infantis. Além disso, alega que, por mais que esses dois termos se aproximem em seus significados, o termo cultura infantil é mais abrangente, porque envolve também atividades lúdicas que não são reconhecidas nos termos do folclore, tais como o futebol, natação, brincadeiras de faz-de-conta, etc... Assim, se utiliza também desse termo - cultura infantil - por abranger as atividades lúdicas em geral que dão substância às interações dos grupos infantis, bem como por designar uma "(...) conotação específica, concernente ao segmento da cultura total partilhado, de modo exclusivo, pelas crianças que constituem os grupos infantis.." (Fernandes, ídem, p. 171).

Portanto, Florestan estava preocupado em entender o folclore na relação com os sujeitos concretos, para tentar captar os sentidos desse na construção da cultura brasileira. Dessa forma, parece-me que as indagações que lançava para o campo empírico, ainda que aparentemente restritas aos grupos infantis, estavam fortemente inspiradas em buscar compreender algumas bases da constiuição da cultura brasileira e capitalista. Para tanto, algumas questões lhe serviam de mote, como, por exemplo, compreender a apropriação que as crianças faziam dos conteúdos embutidos nas brincadeiras; o sistema de regras e hierarquias construídos internamente nas trocinhas; as relações de gênero, etnia e classe social que se estabeleciam no interior dos grupos infantis; as condições básicas para que uma trocinha se constituísse e a brincadeira fosse vivenciada; a ação das crianças na perpetuação/reprodução dos folguedos e/ou na transformação/inação dos mesmos; etc...

Reitero novamente que esses dois aspectos inovadores no estudo das "trocinhas", quer seja o interesse por observar as crianças - grupo social tradicionalmente excluído dos ditos sujeitos válidos na escrita da história (Martins, 2003) - como o de dar um tratamento tanto sociológico como folclórico ao estudo do folclore, são também um grande marco da contribuição de Florestan através desse trabalho das "trocinhas".

Indo mais longe e buscando compreender a relação deste estudo com o percurso acadêmico de Florestan, me enveredei no texto "Por uma sociologia crítica e militante" (Fernandes, 1977), no qual o autor realiza uma espécie de autobiografia. Ali, Florestan deixa transparecer que esse tema - do folk e da cultura brasileira - está intimamente ligado às suas origens sociais, as quais relaciona grande parte de sua formação humana.

Eu nunca seria o sociólogo que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi, através das duras lições da vida. (...) iniciei a minha aprendizagem "sociológica" aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é *a convivência humana e a sociedade...* (Florestan, 1977, p. 142, grifo do autor).

Se tinha pouco tempo para aproveitar a infância, nem por isso deixava de sofrer o impacto humano da vida nas trocinhas e de ter résteas de luz que vinham pela amizade que se forma através do *companheirismo* (nos grupos de folguedos, de amigos de vizinhança, dos colegas que se dedicavam ao mesmo mister, como meninos de rua, engraxates, entregadores de carne, biscateiros, aprendizes de alfaiate e por aí a fora) (idem, p. 143, grifo do autor).

Mesmo que, no período em que desenvolve o estudo das "trocinhas", Florestan ainda não fosse engajado na militância política, tanto o trabalho das "trocinhas" como o estudo realizado junto aos Tupinambás, no qual constrói uma rigorosa reflexão sobre o preconceito racial no país, já revelava seu compromisso em destacar temas até então marginalizados pela sociologia brasileira, porque vinculados aos grupos dos dominados.

Assim, é o próprio Florestan quem responde àqueles que tendiam descolar seus primeiros trabalhos de uma orientação crítica e militante.

Poderão objetar-me que essa orientação crítica e militante não aparece de maneira tão clara nos escritos que vão de 1942 a 1960. Pediria a esses leitores que procurassem ler melhor o que escrevi e ver se, por trás de um aparente empírico-criticismo ou de um sociologismo "experimentalista", não havia uma firme intenção que cresce aos poucos, na medida em que abria espaço para defrontar-me com as inibições de uma sociedade tão opressiva e repressiva como a brasileira (ídem, p. 140).

À essa escolha de ficar ao lado dos marginalizados e, para tal, usar as ferramentas de que dispunha como sociólogo, Florestan foi fiel a sua vida inteira, tanto como cientista como político, obstinação essa que lhe confere o reconhecimento de uma trajetória marcada pela coerência e luta pela transformação social.

3. Contribuições das "Trocinhas" para os estudos da Infância

3.1 As crianças como sujeitos da pesquisa

Nos estudos contemporâneos sobre infância, sobressai-se um indicativo teórico-metodológico de se estudar a infância através dela mesma (Sarmiento e Pinto, 1997), ou seja, através das próprias crianças. Assim sendo, ainda que essa seja uma prerrogativa teórico-metodológica assumida como fruto de reflexões e do amadurecimento no campo dos estudos da infância, especialmente da Sociologia da Infância¹⁷ e construída da década de 90 para cá, não dá para desconsiderar o

¹⁷ A sociologia da infância é um campo científico, uma sub-área da Sociologia, que está em curso desde o final do século XX, sob o estatuto da infância como categoria social do tipo geracional. Alguns princípios são fundadores desse campo e regem suas investigações, tais como: i) o reconhecimento da infância como construção social plural e com valor em si mesma; ii) as crianças como atores sociais e sujeitos de direitos; iii) a perspectiva epistemológica de estudar as crianças a partir delas mesmas (Sarmiento e Pinto, 1997).

importante lugar que Florestan teve como o primeiro cientista social a se interessar em observar as próprias crianças em suas interações de pares.

Considerando que eram o folclore e a cultura e não a infância o alvo de interesse desse estudo de Florestan e ainda que, na década de 40, não havia acúmulo de discussões em torno da infância que confrontasse a matriz hegemônica na qual a infância tinha (e tem?) um status de inferioridade e negatividade face às outras categorias geracionais, dá para se compreender porque Florestan não leva a par uma discussão teórico-metodológica aprofundada acerca da observação das próprias crianças em seus mundos sociais. Ele o faz, mas não encontramos, em seu texto das "trocinhas", a intenção de indicar uma concepção clara de infância que justificasse teoricamente a inclusão dessas. No entanto, não trata-se de realizar uma análise crítica do trabalho de Florestan se utilizando dos elementos teóricos de que já dispomos passadas quase sete décadas, numa espécie de cobrar do autor aquilo que o momento histórico não lhe possibilitou realizar.

Contudo, é Roger Bastide quem, abrindo o prefácio do texto, fala sobre a memorável importância do trabalho de Florestan por buscar dar visibilidade àqueles que, geralmente, são relegados a andar na sombra dos adultos.

(...) Há entre o mundo dos adultos e das crianças como que um mar tenbroso, impedindo a comunicação. Quem somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras? Elas nos cercam, chocam contra nós; respondem às nossas perguntas, num tom de condescendência, quando fingimos interessar-nos por suas atividades; mas sente-se, perfeitamente, que, para elas, somos como os móveis da casa, parte do cosmo exterior, não pertencemos a seu mundo, que tem seus prazeres e seus sofrimentos (Bastide apud Fernandes, 1979, p. 153-154).

É o reconhecimento pois, da diversidade da infância e de nosso desconhecimento sobre ela que parece levar Florestan a eleger uma metodologia pautada em observações minuciosas e prolongadas sobre as crianças em suas "trocinhas", segundo ele, condição necessária para que o pesquisador fique

(...) habilitado a compreender certos aspectos do comportamento dos imaturos em seus próprios grupos sociais., desenvolvimento de sua

personalidade, obediência a certas regras, etc., que comumente escapam aos adultos em geral . (Fernandes, ídem, p. 156).

Ainda é Bastide que também, ao apontar no mesmo prefácio outro aspecto de mérito do trabalho de Florestan, traz um indicativo fundamental para ser considerado nas pesquisas que buscam a aproximação e inteligibilidade das manifestações infantis. Defende ele que o adulto viva o brinquedo para conseguir captar o sentido da infância.

Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança. Quero com isso dizer que não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo. E isso não é dado a toda a gente. O primeiro mérito do trabalho de Florestan é que ele é o resultado de uma observação que começou por uma interpretação profunda; o autor fez parte da grande conjuração das crianças (Bastide apud Fernandes, ídem, p. 154).

Somente depois de cinco décadas, José de Souza Martins (1993), ao organizar a coletânea de textos "O massacre dos Inocentes: a criança sem infância no Brasil", elege a criança como testemunha da história, questionando duramente uma tendência nas Ciências Sociais de somente eleger como sujeitos das pesquisas aqueles informantes que detêm mais poder e estão nos centros dos acontecimentos. Nesse sentido, defende a necessidade dos cientistas sociais darem voz também aos mudos da história, por serem justamente esses (os que sofrem maior opressão e desvalia no sistema capitalista) os maiores portadores de crítica social.

Seguindo os rumos de Martins, atualmente, têm aumentado o número de pesquisas que incluem a participação das crianças como sujeitos¹⁸, principalmente os estudos que têm como base teórica a Sociologia da Infância, pois, como já foi apontado, uma vez que esse campo disciplinar toma a infância como objeto de estudo, tem defendido com maior veemência essa premissa e conseguido acumular maior densidade teórica e metodológica capaz de orientar esses tipos de estudo.

¹⁸ Destaco dois livros que reúnem artigos oriundos de pesquisas com crianças. Ver: Sarmiento, M. J. e Vasconcellos, V. M. R. (orgs) (2007) e Faria, A. L. G; Demartini, Z. B. F e Orado, P. D. (orgs) (2005).

Não obstante, outras áreas das ciências humanas e sociais tem tido experiências de pesquisas que, tomando a infância como objeto, tem defendido a idéia de se ouvir as crianças, como a Antropologia, a Psicologia e a própria Educação.

Nota-se que essa inclusão está intimamente ligada às mudanças na forma de se conceber as crianças e a infância, essas materializadas - nos campos científico e jurídico - da década de 90 para cá. Da criança como in-fante (aquele que não fala) e da infância como período de preparação para a fase adulta, temos, atualmente, pelo menos assegurado no discurso, a criança como sujeito de direitos e a infância com valor em si mesma. Essa nova concepção tem impulsionado mudanças na forma de ver e tratar as crianças, exigindo, também no plano científico, coerência com o princípio de conceber as crianças como sujeitos.

Situado, pois, em seu tempo, com todos os limites e contradições que o olhar de hoje nos permite enxergar¹⁹, as "trocinhas do Bom Retiro" se constitui como uma importante referência científica na atualidade, devendo ser reconhecido seu lugar no desenvolvimento histórico do campo das Ciências Humanas e Sociais. Acredito que o grande impulso que levara Florestan a transgredir as concepções e limites teóricos da época (especialmente no que concerne a inclusão das crianças) tenha vindo de sua extraordinária sensibilidade para com os grupos mais marginalizados da sociedade. No decurso de sua carreira como intelectual, como fruto de seu amadurecimento e do envolvimento com a militância política, Florestan vai defender veementemente a articulação entre ciência e política; movido pela necessidade de construir uma "sociologia crítica e militante", uma ciência engajada em desvendar as contradições do sistema capitalista - as visíveis e as invisíveis (Borba, 2005) - e contribuir para sua superação.

¹⁹ É sempre importante lembrar que a obra de Florestan Fernandes deve ser lida e entendida sem perder de vista o tempo histórico em que a mesma foi produzida. A partir dessa consideração, é possível que se compreenda, por exemplo, o uso do termo "imaturado" usado pelo autor recorridas vezes no texto para se referir as crianças. O emprego desse termo, atualmente, seria duramente questionado pelos estudiosos da infância, uma vez que vêm carregado de uma representação sobre a infância construída pela negatividade. Por isso, muitos prefixos de negação se vinculam aos adjetivos infantis: como imaturo, imoral, irracional, incompleto e infante: aquele que não fala!

3.2 Um olhar sociológico sobre as interações e as culturas infantis

3.2.1 Sobre as interações nos grupos infantis

O olhar que Florestan lança para analisar as interações entre as crianças e a cultura que se processa no interior das "trocinhas", tem como base a consideração das relações macro-sociais em que as crianças estão inseridas, bem como a consideração da organização interna que traduz formas específicas de organização dos grupos infantis.

Desse modo, assinala que as redes de sociabilidade das "trocinhas" se definem em relação com aspectos de gênero, etnia e classe social.

Destaca que a distinção de gênero é a mais determinante para que haja a segregação das "trocinhas". Observa que, no início da idade escolar as crianças já se reúnem separadamente por gênero, ocorrendo sérias repressões a quem, porventura, ousar em se misturar. Essa segregação é, inclusive, perpetuada por lemas cultuados nos próprios folguedos infantis, como:

Home com home

Muié com muié

Faca sem ponta

Galinha sem pé

Ainda observa que as trocinhas das meninas se constitui de forma mais simples, não seguindo uma organização tão rica como as dos meninos. As trocinhas desses, por sua vez, são construídas de forma muito mais complexa, seguindo a um sistema de regras e hierarquias bem delimitadas. Nelas, há um líder, e esse tem um papel de grande poder sobre os demais membros; existe a presença clara de regras de conduta e a punição para os que desobedecerem-nas; há disputa e rivalidade entre outras "trocinhas" do mesmo bairro ou de bairros vizinhos, que geralmente encontram-se para jogar futebol; há a delimitação de direitos e deveres de seus membros; a cobrança de mensalidade, etc...

Quanto aos aspectos de classe social e etnia percebidos nas "trocinhas", diz Florestan que esses existem e são muito decisivos na constituição das hierarquias e de relações de poder de forma geral, mas não chegam a produzir a segregação das "trocinhas".

Assegura que as crianças reproduzem, em muito, as relações de preconceito social e étnico presentes nas culturas ocidentais, reverberando em xingamentos e zombarias daqueles que têm pertencimento social e étnico diferente da maioria do grupo. Assim, observa que, a maioria das "trocinhas", até pela sua natureza (se organizarem na rua, etc..) são constituídas por crianças de classe pobre e média que se agrupam indistintamente, enquanto que os de classe rica constituem grupos mais fechados, geralmente circunscritos nos espaços dos condomínios ou das casas. Diz haver resistência em aceitar um integrante de uma classe social distinta. Os de classe alta que desejam se infiltrar numa "trocinha" onde predominam crianças de classe pobre e média, geralmente sofrem opressões, sendo xingados de grã-fino, mariquinhas, etc.. E, o contrário, também existe, sendo ainda mais difícil a aceitação de um menino pobre numa "trocinha" de meninos ricos.

Já com relação a etnia, observa que predominam relações democráticas entre os meninos pertencentes às diferentes nacionalidades, ocorrendo também xingamentos e zombarias nas horas dos conflitos entre eles ou quando algum grupo deseje impor sua nacionalidade, como acontecia com os judeus que eram comumente chamado pelos outros meninos de "Gambás" ou "Bangalôs".

A análise que Florestan faz da organização dos grupos infantis, permite-nos ver a apropriação que fazem as crianças do sistema de valores em que vivem. Em se tratando de uma sociedade arraigada num sistema sócio-cultural ocidental e capitalista, notadamente se percebe a perpetuação de organizações calcadas em conflitos de gênero, classe social, etnia, etc...

Todavia, mesmo havendo a reprodução de valores e práticas opressoras no interior das "trocinhas", Florestan assinala que é o desejo de brincar o que permite superar as diferenças e travar a construção de relações democráticas.

É a brincadeira, pois, que unifica as diferenças e que constrói uma identidade comum: a de ser criança. É, pois, a motivação da brincadeira que permite que as crianças não só reproduzam os sistemas de valores herdados, mas também negociem e criem formas especificamente próprias de organizarem suas normas de conduta, no interior de cada grupo infantil.

3.2.2 Sobre a origem das culturas infantis

Quanto a origem das brincadeiras e folguedos pertencentes a cultura infantil presentes nas "trocinhas", Florestan assinala que, em grande parte, a cultura infantil advém da cultura adulta.

São traços diversos da cultura animológica que, abandonados total ou parcialmente, transferem-se para o círculo infantil, por um processo de aceitação, incorporando-se à cultura do novo grupo. O mecanismo, pois, é simples: são elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo (Fernandes, 1979, p. 172).

Para Florestan, ainda que a cultura infantil advenha da cultura adulta - dos restos de romances velhos ou antigas danças coreográficas - que são passadas de geração a geração e incorporadas pelas crianças por um processo de aceitação, o que contribui em muito para a integração social, isso não significa dizer que as crianças não tenham participação ativa na constituição dessa cultura.

Nesse sentido, Florestan realiza uma crítica muito severa aos psicossociólogos e alguns sociólogos de gabinete, que facilmente designam que as crianças realizam mera imitação dos adultos. Assegura que essa visão retarda a análise objetiva dos grupos infantis e que o contato com a realidade, através do trabalho de campo, desmonta essa tese, na medida em que se aprende a distinguir aquisições aprendidas pela influência direta dos adultos mais próximos de outras que são produtos de um processo de socialização entre as crianças, na convivência regulada por sua própria vida social.

Assim, considerando o caráter ativo das crianças, conclui que as crianças reelaboram muito do que lhes é passado, assim como também são elas que se ensinam mutuamente, sendo as principais responsáveis pela perpetuação da cultura infantil. Aprendendo umas com as outras, conclui-se que a socialização e aprendizagem se dá também no sentido intrageracional, nas relações que estabelecem entre seus pares e no legado que as crianças mais velhas vão deixando para as mais novas. "O interessante, para nós, é que se trata, exatamente, do aspecto da socialização elaborado no seio dos próprios grupos infantis, ou seja: educação da criança, entre as crianças e pelas crianças" (idem, p. 176, grifos meus).

Por isso, conclui Florestan que a cultura infantil "(...) é constituída por elementos aceitos da cultura do adulto e por elementos elaborados pelos próprios imaturos" (idem, p. 175).

Essa tese, em meu ponto de vista, tem um caráter revolucionário para a época, por descortinar um nexos invisível (Borba, 2005) até então pelos cientistas sociais: a consideração das crianças como sujeitos ativos, atores de seu próprio processo de socialização, constituídos pela cultura mas também produtores dela.

4. Algumas interfaces com os estudos contemporâneos sobre as culturas infantis

Olhando para a produção no campo da Sociologia da Infância - no Brasil e em outros países de maior tradição nos estudos da infância, como a França e a Inglaterra²⁰ - com relação ao tema das culturas infantis, identificamos um vácuo desde o trabalho das "trocinhas" no início da década de 40 até o início dos anos 90. Não me surpreende o desinteresse pelo tema, uma vez que a concepção hegemônica

²⁰ Sirota e Montandon, em artigos escritos ao Caderno de Pesquisa n. 112 (2001), fazem um balanço sobre a presença da infância nos trabalhos produzidos, respectivamente, na França e Inglaterra. Nesses, ressaltam que a infância era objeto sociológico construído através de seus dispositivos institucionais, a escola, a família e a justiça, de modo que as crianças eram estudadas através das instituições e dos adultos que lidavam com elas. Alegam, ainda, que a revisão crítica do conceito de socialização leva à reestruturação do campo da sociologia da infância, mais marcadamente a partir da década de 90, pautando-se na visão da criança como ator social e objeto sociológico a ser estudado em si mesmo, e não mais indiretamente, por meio das instituições.

sobre a infância existente nesse íterim temporal não admitia as crianças como sujeitos produtores de cultura, de modo que seja compreensível que o tema das culturas infantis não fosse cogitado nas pautas de pesquisa nessa época. Por isso, o surpreendente, como já quis fazer entender no texto, foi justamente Florestan ter enfrentado com ineditismo esse tema, fazendo antagonismo frente à concepção de infância predominante na época.

Assim, buscarei estabelecer alguns possíveis alinhavos - no sentido de indicar aproximações e, talvez, distanciamentos - entre as abordagens realizadas por Florestan e alguns indicativos centrais das pesquisas mais atuais - década de 90 em diante - referentes às culturas infantis relacionadas ao campo Sociologia da Infância²¹. Deixo claro que se trata de um exercício de especulação, em que me dou o direito de tentar colocar em diálogo produções construídas em tempos históricos diferentes, para que se enriqueçam as possibilidades de pensar, de indagar, de fazer relações, construir hipóteses, estranhar...

Dito isto, apresentarei, sucintamente, alguns pontos construídos por esse diálogo (entre o estudo das "trocinhas" de Florestan e alguns postulados da Sociologia da Infância) que considero importantes serem levados em conta na análise sobre as culturas infantis:

i) O reconhecimento do caráter ativo das crianças na produção da cultura: esse é um ponto comum entre Florestan e os estudos contemporâneos da Sociologia da Infância e, pode-se dizer, crucial, pois, sem essa consideração, não se poderia admitir a existência de culturas infantis. Atualmente, têm-se utilizado o conceito de reprodução interpretativa de Willian Corsaro (2002) para designar essa dupla relação entre estrutura e ação do indivíduo. Corsaro, observando crianças em idade pré-escolar em suas brincadeiras de faz-de-conta, conclui que, quando as crianças

²¹ Entre estes estudos, destaco: CORSARO (2002), DELALANDE (2006); ITURRA (2002); FERREIRA (2004); SARMENTO (2004); PERROTTI (1990); FARIA (1999); KRAMER e LEITE (1998); PRADO (1999); BORBA (2005).

se apropriam da cultura adulta, essa (a cultura) também passa a ser (re)produzida., na medida em que passa pela interpretação infantil.

(..) a produção da cultura de pares não se fica nem por uma questão de pura imitação nem por uma apropriação direta do mundo adulto. As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares (transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta (Corsaro, 2002, p.114).

Corsaro, propõe, portanto, um olhar às avessas, no sentido de que chama atenção para que se reconheça a dupla influência entre as gerações em seus processos interativos.

Tenho a hipótese de que Florestan fora mais "tímido" na aposta que fazia na capacidade de inovação e influência das crianças. Parece-me que esse, ao contrário de Corsaro, condicionava o caráter ativo das crianças aos limites da cultura adulta. Me parece que os estudos pautados no referencial teórico da Sociologia da Infância têm apostado na subversão das crianças aos limites estruturais, dando destaque para a existência de formas peculiares de representação infantil que escapam às lógicas adultas. Para que se possa entender melhor essa questão, passo a apresentar o segundo ponto.

ii) Sobre o conceito de cultura infantil: na leitura que fiz das "trocinhas" de Florestan, percebi que o conceito de cultura infantil está atrelado ao legado de práticas folclóricas/lúdico-culturais que são transmitidas e incorporadas pelos grupos infantis ao longo do tempo, pelos adultos e pelas próprias crianças, em suas "trocinhas", bem como a forma de organização social das crianças como grupo de pares.

Já para os estudiosos referenciados na Sociologia da Infância, a centralidade está em entender se as crianças apresentam sistemas próprios de simbolização do mundo e, ainda, se estes sistemas se articulariam em termos de cultura, marcadamente da geração infantil. Ou seja, o interesse desses estudos está em captar as representações, as formas de simbolização, os modos e

características que são constitutivos da condição de ser criança, que demarcam a diferença da infância em relação aos outros grupos geracionais. Nessa direção, Sarmiento (2004), defende que o desafio teórico da Sociologia da Infância no tocante ao estudo das culturas infantis se refere à inventariação de alguns princípios reguladores das culturas da infância²².

Nessa perspectiva, o foco de observação não se refere a análise dos grupos infantis na relação com os folguedos/brincadeiras tradicionais, mas às interações das crianças entre seus pares, principalmente nos momentos de brincadeira de faz-de-conta.

Se, por um lado, Florestan não aprofundou ou não foi por esse caminho de analisar a fundo as representações das crianças, uma vez que seu viés estava centrado no folclore, parece que deu contribuições substanciais a respeito da influência que a classe social, a etnia e o gênero podem ter na forma de constituição dos grupos infantis, bem como nos conteúdos veiculados através das brincadeiras/folguedos que constituem o arsenal cultural da infância.

Penso ainda ser importante ficar alerta para o perigo de, no ímpeto de buscar encontrar traços comuns nas culturas infantis ou princípios reguladores, como define Sarmiento, se negligencie os condicionantes estruturais que constroem diferentemente as crianças e suas infâncias. Penso ser, pois, profício para o desenvolvimento das pesquisas nesse campo, que não se abandone o olhar macro-estrutural na análise das micro-relações das crianças, sob pena de cairmos em representações abstratas e idealizadas sobre as crianças e suas culturas. Não obstante, cabe também o cuidado de não ficarmos engessados na macro-estrutura, a ponto de perder a capacidade de perceber possíveis pistas que venham das crianças e que possam pertencer às lógicas próprias da infância, advindas, portanto, de um outro lugar, ou seja, da condição geracional.

²² Segundo o mesmo autor, esse desafio teórico ainda está em construção no campo. Cabe apontar alguns indicativos importantes que Sarmiento já tem apresentado no intuito de indicar o que designa por alguns traços distintivos das culturas da infância: Se refere a *ludicidade*, a *reiteração*, a *fantasia do real* e a *interactividade*. Par aprofundar ver Sarmiento, 2004.

iii) Sobre o brincar e os processos interativos das crianças: A relação entre as "trocinhas" em Florestan e outro estudo de uma pesquisadora portuguesa ligado ao campo da sociologia da Infância - Manuela Ferreira (2004) - traz mais um ponto importante de ser abordado. Ambos trabalhos, evidenciam a complexidade que rege a organização interna das crianças e o quanto são trabalhosos a elas os processos de interação.

Florestan, principalmente na análise das "trocinhas" dos meninos, torna evidente essa complexidade, mostrando que as interações são construídas em torno de normas e hierarquias que possibilitam o sucesso de uns e a dificuldade de outros, segundo à capacidade de aderência às regras e valores do grupo. Do mesmo modo, Ferreira (ídem), ao realizar uma etnografia junto à crianças frequentadoras de um Jardim de Infância em Portugal, também observa um sistema de regras (calcadas, muitas vezes, em preceitos de raça, aparência física, etnia, desempenho, gênero, religião, etc..) que dificultam a uns e facilitam a outros a possibilidade de interagir e participar da brincadeira.

A essas regras a autora denomina de ordens sociais instituintes e, a partir disso, questiona a tese (fundada nos saberes da psicologia biologicista) que naturaliza as interações e as brincadeiras das crianças, como se bastasse colocá-las juntas para que, espontaneamente, passassem a brincar. Ao contrário, afirma que o brincar não é nato; os processos de interação e a brincadeira infantil são permeados também por frustrações, desprazer e dão muito trabalho às crianças, as quais precisam lidar com ordens sociais instituídas (implícita ou explicitamente) para cavar a aceitação no grupo e, assim, poder brincar.

Portanto, tanto Florestan quanto Ferreira, fornecem substancial importância para que se passe a olhar para as interações infantis como fruto de um grande investimento e esforço das crianças. Ajudam a desmitificar uma concepção que banaliza e desvaloriza a brincadeira, ajudando a esclarecer que brincar é o que as crianças fazem de mais sério, na medida em que, por ele, se relacionam com valores

e normas que lhes exige o desenvolvimento de competências - sociais, psicológicas, físicas e cognitivas - fundamentais na constituição de sua identidade.

5. Considerações finais

Por fim, considero que cabe dizer que o estudo sobre as culturas infantis, baseado fundamentalmente nos aportes teóricos da Sociologia terá tanto mais valor para a área Educação quanto mais soubermos o que fazer com ele. O campo da Educação, ao contrário da Sociologia, tem um caráter *praxiológico* (Rocha, 1999), pois se apropria de conhecimentos de outras áreas de conhecimento para melhor analisar a realidade educacional e promover ações que sejam fruto desse estudo e reflexão.

Nesse caso, esse diálogo com a Sociologia é importante na medida em que fornece elementos para que se melhor compreenda as crianças, a fim de que se possa, a partir disso, conceber projetos educativos e práticas pedagógicas que estejam mais voltadas aos interesses e necessidades da infância e mais respeitadas à condição infantil que está oculta na condição de aluno (Quinteiro, 2000).

O que me impulsiona, pois, a esse mergulho mais aprofundado nas culturas infantis, é o ensejo em ser coerente com o discurso já aceito e instituído das crianças como atores, mas que, muitas vezes, não passa de um modismo acadêmico, porque pouco se compreende, de fato, sobre as múltiplas dimensões (condicionamentos, limites e potencialidades) que estão implicadas nessa autoria das crianças. Talvez os limites dessa compreensão (das crianças como autores e das culturas infantis) se expressem, justamente, no interior das instituições que lidam cotidianamente com as crianças, cujas, me parece, na sua grande maioria, ainda são reprodutoras de práticas "adultocentradas" e pouco inclusiva dos saberes e das culturas das crianças.

6. Referências Bibliográficas

BORBA, A. M. Culturas da Infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituições públicas de Educação Infantil. (Tese de doutorado). Faculdade de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal Fluminense - UFF, 2005.

_____. O folclore e suas relações com as ciências sociais, a educação e a socialização da infância em Florestan Fernandes. In: FÁVERO, Osmar (org.). Democracia e Educação em Florestan Fernandes. Campinas/SP: Autores Associados; Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense (EdUFF), 2005.

CORSARO, Willian A. A reprodução interpretativa no brincar ao "faz de conta" das crianças. Educação, Sociedade e Culturas, nº17 - p. 113-134, 2002.

DELLALANDE, Julie. Le concept heuristique de culture infantile. In: Sirota R. (dir.). Éléments pour une sociologie de l'enfance, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2006, p. 1572-1590.

FARIA, A. L. G. de. Educação pré-escolar e cultura. Campinas/SP: Editora da UNICAMP/SP: Cortez, 1999.

FERNANDES, F. "As Trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico dos grupos infantis". In: FERNANDES, Florestan. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

_____. A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977.

FERREIRA, M.M. "A gente aqui o que Gosta Mais é de Brincar com os Outros Meninos" - As relações sociais num jardim de infância. Porto: Afrontamento, 2004.

ITURRA, R. As culturas da cultura: infantil, adulta, erudita. Revista Educação, Sociedades e Culturas. Ed. Afrontamento, n. 17, p. 135-153, 2002.

KRAMER, S. e LEITE, M. I. F. P. (orgs.). Infância e produção cultural. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MARTINS, J. S. de. O Massacre dos Inocentes: a criança sem infância no Brasil. SP: Hucitec, 1993.

MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar., 2001.

PERROTTI, E. A criança e a produção cultural. In: Zilberman, R. (org.). A produção cultural da criança. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PRADO, P.D. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. In: Proposições. Vol.10, n.1 [28]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, mar.1999, 110-118.

QUINTEIRO, J. Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 2000.

ROCHA, E.A.C. A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação/UFSC, Núcleo de Publicações, 1999.

SARMENTO, M. J. e PINTO, M. As crianças, contextos e identidade. Braga/Portugal: centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997 (coleção Infans).

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: Sarmento, M. J. E Cerisara, A. B. (orgs.). Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2004.